

Resumo

O presente artigo resultado da pesquisa de duas investigadoras no arquivo da Igreja de Nossa Senhora do Loreto em Lisboa e no Archivio Segreto Vaticano e pretende oferecer uma hipotética reconstrução da igreja original dos Italianos em Lisboa, erigida entre 1518 e 1597 e destruída no incêndio de 1651.

Na análise da escassa documentação sobre o edifício desaparecido, onde é confirmada a participação do arquitecto-engenheiro Filippo Terzi, (Bolonha 1520-Setúbal 1597), propõe-se uma interpretação da política de representação nacional da comunidade italiana em Portugal na segunda metade de Quinhentos assim como das suas estreitas relações com Roma e a Santa Sé. Para além disso, salienta-se que na promoção do culto de Nossa Senhora do Loreto em Portugal, a comunidade italiana contribuiu na difusão do mesmo na América Latina. ●

Abstract

Written in collaboration by two scholars, this essay reconstructs the first church of the Italian nation in Lisbon (1518-1597), destroyed by a fire in 1651, confirming the attribution to architect Filippo Terzi.

The building is ultimately interpreted as a form of self-representation of the Italian minority in Portugal, the expression of a privileged relation with the Holy See, and evidence of the played by the Italian emigrants in promoting the cult of the Virgin of Loreto in Portugal and Latin America. ●

palavras-chave

NAÇÃO

LISBOA

SANTA SÉ

NOSSA SENHORA DO LORETO

FILIPPE TERZI

key-words

NAZIONE

LISBON

HOLY SEE

MADONNA DI LORETO

FILIPPO TERZI

Arbitragem Científica Peer Review

Pedro Galera Andreu

Universidade de Jaén

Francisco Herrera Garcia

Universidade de Sevilla

Data de Submissão

Date of Submission

Mar. 2013

Data de Aceitação

Date of Approval

Mar. 2014

A ANTIGA IGREJA DE NOSSA SENHORA DO LORETO DA NAÇÃO ITALIANA EM LISBOA (1518-1651) DADOS ARQUIVÍSTICOS E ALGUMAS HIPÓTESES SOBRE O EDIFÍCIO DE FILIPPO TERZI

NUNZIATELLA ALESSANDRINI

Investigadora integrada CHAM-FCSH-UNL/UA Bolseira da FCT

SABINA DE CAVI*

Universidad de Córdoba

I. Introdução

* Investigador contratado pelo Ministerio de Economía y Competitividad de España, Subprograma Ramón y Cajal, proyecto RYC-2011-09058, Universidad de Córdoba, Departamento de Historia del Arte, Arqueología y Música.

¹ Sobre o arquitecto: Ayres de Carvalho 1979, Morselli 1995, Henriques da Silva 2004. Sobre a decoração do interior: Quieto 2001.

A actual igreja de Nossa Senhora do Loreto, levantada em 1785 e situada na esquina da Praça de Camões, no cruzamento do Largo do Chiado e da Misericórdia (fig. 1) apresenta-se no estado de restauro do século XVIII pelo arquitecto José da Costa e Silva (1747-1819), em consequência da radical reconstrução do Bairro Alto depois do desastroso terramoto de 1 de Novembro de 1755.¹

Enquanto que o interior (fig. 2), em planta longitudinal encrostado em mármore policromos, apresenta uma nave única com três capelas laterais abertas frontalmente para o transepto, o exterior em três ordens (dois andares e um ático



Fig.1 – Complexo da Igreja de Nossa Senhora do Loreto, vista externa de esquina (estado actual), Lisboa

Fig. 2 – Igreja de Nossa Senhora do Loreto, vista do interior (estado actual), Lisboa



² Para um estudo topográfico da área: Matos Sequeira 1939, sobretudo vol. I, 270-306 e vol. II, 188-206 e 225-269.

³ Matos Sequeira 1939, sobretudo vol. I, 270-306. Uma detalhada análise dos bens imóveis desta zona baseada no espólio do arquivo da igreja do Loreto e na documentação dos mediadores da Câmara mereceria um estudo aprofundado. Para a rigorosa identificação da localização das terras da paróquia do Loreto *ibidem*, 297-298; para a identificação do sítio do monturo *ibidem*, 277

⁴ Antecipam-se algumas observações de uma pesquisa que está a ser efectuada por quem escreve

⁵ Quadro intitulado: *Joyeuse Entrée di Re Filippo III (Filippo II di Portogallo) a Lisbona*: óleo su tela, 1,97 × 1,09 m. (Ver artigo de Andreas Gehlert nesta Revista).

com uma réplica escultória da Virgem do Loreto), perfila-se com uma fachada tripartida por grandes pilares postos sobre altos plintos dóricos, dotada de uma entrada levantada acima do nível da rua à qual se coliga através de uma escada de duplos lanços rectos: uma solução para nivelar o pavimento da igreja, essencialmente escavada na pendência do monte, assim como acontece em S. Trinità dei Monti em Roma.

Como demonstra a vista geral da igreja, que inclui o lado esquerdo (fig. 1) que contém a sacristia e acima desta as salas do arquivo de Nossa Senhora do Loreto, o edifício *ad insula* insere-se na encosta daquilo que era antigamente conhecido como o “Monturo de São Roque”: um conjunto de terras régias e de propriedade de particulares situadas na freguesia da igreja de S. Maria da Misericórdia, que se alargavam sobre um terreno pendente entre a igreja de S. Roque e a igreja de Nossa Senhora do Loreto, erigida fora da muralha fernandina do século XIV que na altura da primeira igreja coincidia com o seu lado direito.²

A localização *extra muros* da igreja primitiva, que se tornou ainda mais radical após a demolição da torre norte da porta de S. Catarina em 1577 (antigamente situada frente ao ingresso principal da igreja), a sua vida simbiótica com a muralha defensiva, sobre a qual se apoiava com o seu lado direito, e o papel desenvolvido pelos Italianos na abertura de um novo e largo eixo urbano que ligava Loreto com a igreja de S. Roque em 1569 na transformação da rua do Loreto depois chamada “rua larga de S. Roque”, evidenciam a clarividência e as ambições da nação italiana na Lisboa do Rei D. Sebastião (1557-1578).

De facto, os ricos mercadores que participaram na construção da primeira igreja, apesar de manterem as próprias residências na freguesia da Sé e na Rua Nova dos Mercadores na zona ribeirinha da cidade, decidiram investir na sua auto-representação e criar uma igreja nacional numa nova zona de desenvolvimento urbano, onde se concentravam os esforços, na segunda metade de Quinhentos, dos Jesuítas – que compraram em 1553 uma ermida para a promoção do culto das relíquias de S. Roque – e os interesses imobiliários de um considerável grupo de nobres: Álvaro Pais, o Almirante Dom Francisco da Gama, conde de Vidigueria (respectivamente em 1543 e 1573), o conde de Vimioso, Dom João de Faro, Dom Manuel de Portugal, Dom Henrique de Noronha com sua esposa Dona Elena da Silva, a família Niza.³

Longe de propor soluções ou reconstruções definitivas relativamente a este importante contexto urbano composto por três igrejas principais (Loreto, S. Roque e S. Maria da Misericórdia), uma larga e direita rua “alla moderna”, que corria ao longo de uma muralha cada vez mais agredida pelos interesses de particulares que ali queriam construir, limitamo-nos a assinalar no presente ensaio a preparação de um estudo monográfico sobre a zona dos Jesuítas e dos Italianos.⁴

Como aparece bem evidente no interessante detalhe de uma magnífica vista de Lisboa conservada no castelo alemão de Weilburg (ca. 1600), gentilmente fornecida pelo colega Andreas Gehlert (Fig. 3),⁵ o fenómeno do “assalto às muralhas,” típico



da cidade renascentista europeia, produziu neste particular sector de Lisboa um interessante resultado de recuperação e reciclagem das muralhas em novos edifícios “a sala”, tangentes, sobrepostos ou englobantes as mesmas muralhas. O detalhe da vista acima mencionada reflecte o estado já completamente urbanizado da estrada “palazzata” que descia de S. Roque até Loreto, ladeada à direita por uma série de longos e largos edifícios que englobavam as antigas muralhas e torres da zona, entre os quais o último, com uma fachada com três janelas, pensamos possa tratar-se da igreja de Nossa Senhora do Loreto assim como se apresentava nos primeiros anos do século XVII.

Como veremos neste artigo, que pretende oferecer uma primeira avaliação daquela que foi a antiga igreja através da confrontação de dados provenientes de pesquisas no arquivo de Loreto e no arquivo Segreto Vaticano, o edifício sacro reutilizou neste caso a muralha urbana, fazendo as funções, num segundo tempo, de baluarte no lugar da torre demolida. Ao mesmo tempo, grande parte da muralha deste perímetro citadino vinha usurpado pelos particulares e, principalmente, pela afamada família dos Giraldi que ali encostou as suas casas.

Fig. 3 – *Joyeuse Entrée do rei Filipe III (Filipe II de Portugal) em Lisboa* (detalhe que apresenta de cima para baixo: Igreja de S. Roque, o complexo de S. Maria da Misericórdia, a rua Larga de S. Roque, o complexo de Nossa Senhora do Loreto, Weilburg Castle (Frankfurt)
© Andreas Gelhert

⁶ Vejam-se as actas: Álvarez-Ossorio Alvariño / García García 2004; García García (no prelo) e o colóquio: *Lisboa e os estrangeiros até ao terremoto de 1755. Colóquio internacional de história, história da arte e literatura*, T. L. Vale, M. J. Ferreira e P. Flor (org.), Lisboa, 7-8 marzo 2013. No que diz respeito aos estudos sobre as construções espanholas e portuguesas em Roma, veja-se E. Tormo, P. P. Quieto, M. Vaquero Piñeiro, M. Barrio Gonzalo, M. A. Aramburu-Zabala Higuera e A. Anselmi. O projecto de pesquisa da Bibliotheca Hertziana de Roma (Max-Planck Institut für Kunstgeschichte) intitulado *Minerva* apresenta uma abordagem especificadamente histórico-artístico a esta temática. <http://www.biblherz.it/en/research/forschungsprojekte-des-instituts/minerva-research-group/>

⁷ V. Rau, C. Radulet, M. Spallanzani, N. Alessandrini, entre outros.

⁸ Crespo Solana 2003 e 2010.

⁹ Madrid, Archivo Histórico Nacional (AHN), leg. 22223 (*Papel que hizo el D.or Vilani Administrador del Hospital de los Italianos tocante a su fundación establecimiento y rentas que tiene*), p. nn.: “se hizo con su Real assenso, y debajo de su protecció, con acuerdo, y aplauso del sup(re)mo Consejo de Italia, como consta... y en el Vo cap(itu)lo adonde se dice que será bien siempre elegir por Adm(inistrado)r un Capellan de honor de S. Magestad...”. Acerca do litígio surgido no século XIX entre Roma e Madrid devido ao padroado régio: Ramón Fort 1851; *Contestación* 1871, *El Patronato* 1873. Sobre a igreja e hospital dos italianos em Madrid: Sabina de Cavi, “NATIONE ITALIANA: Architecture and Social Identity of the Italian Minority in Philippine Iberia (1580-1640),” em *Architecture in the Ibero-American World*, em College Art Association, New York, 9-12 febbraio 2011.

II. A nação italiana no estrangeiro e as igrejas nacionais na Península Ibérica

Depois de anos de estudos sobre as igrejas nacionais portuguesas e espanholas em Roma, o interesse pelas comunidades nacionais na Europa moderna tem estimulado uma reflexão interdisciplinar em três importantes encontros internacionais, voltando a integrar o âmbito dos estudos histórico-arquitectónicos com o da história social e religiosa. ⁶ Parcialmente estudadas resultam a história social e económica da nação italiana em Portugal, ⁷ assim como a da nação italiana em Espanha e Madrid, ⁸ que se caracterizou desde o início pela sua estreita ligação com a corte assim como pelo padroado régio nas construções arquitectónicas, área, esta, ainda a ser estudada. ⁹ Estudar as origens e as motivações que levaram à construção da igreja de Nossa Senhora do Loreto em Lisboa por volta de 1518, significa propor uma série de hipóteses, algumas corroboradas pela leitura da documentação conservada no arquivo da dita igreja, outras formuladas pelos conhecimentos históricos acerca da vida da comunidade italiana na capital portuguesa do século XVI.

A este propósito, é oportuno lembrar que a presença italiana em Lisboa remonta, pelo menos, à fundação do reino português em 1147 aquando da vinda de Mafalda de Sabóia, esposa do primeiro rei português D. Afonso Henriques, com um numeroso séquito. Ao longo dos séculos sucessivos assiste-se a uma consolidação da nação italiana nas suas diversas componentes de origem: genoveses, venezianos, florentinos, prazentinos, milaneses e outros chegam em consequência da expansão atlântica e indiana do reino. Assim, nas últimas décadas do século XV, importantes casas comerciais italianas detinham relevantes monopólios económicos, entre os quais o comércio africano dos escravos e o comércio da cortiça, sendo também bem inseridos no comércio do açúcar da Madeira e do coral.

Após a viagem de Vasco da Gama (1498) e a abertura do novo caminho marítimo para a Índia, o comércio com o Oriente e as perspectivas de substanciais ganhos, atraíram a atenção de numerosos mercadores que, reunidos em sociedades ou pessoalmente, inseriram-se com sucesso na nova aventura comercial. Apesar da forte presença genovesa no mercado português e atlântico, foram, contudo, os capitais florentinos que desempenharam um papel determinante no bom andamento do comércio oriental no início do século XVI, perdendo, no entanto, alguma força a partir da década de Sessenta quando a nação genovesa começa a injectar capitais no reino de Portugal.

Os ricos florentinos Marchionni e Sernigi e o cremonês Affaitati não aparecem em nenhum dos documentos do arquivo de Loreto referentes a legados ou esmolas, pedidos de sepulturas e outros, deixando entender que estas famílias não tivessem qualquer ligação com a igreja do Loreto. As explicações podem ser várias: desde a aquisição de propriedades nos arredores da capital onde mantiveram a própria residência, como foi o caso dos Marchionni e Affaitati, até aos percursos de vida que os ligaram a outras igrejas como foi o caso dos Sernigi. Não podemos, no entanto,

ter a certeza matemática que os membros destas famílias não tivessem contribuído para a edificação da Igreja do Loreto.

Através das indicações extrapoladas do acordo entre o mercador florentino Luca Giraldi e a Junta da Igreja do Loreto a 2 de Março de 1551,¹⁰ para a celebração do contrato de padroado sobre a capela mor, podemos, no entanto, chegar à recomposição do grupo de mercadores que deram início à empresa de edificação da Igreja dos Italianos. Alguns destes mercadores ocupavam cargos nas citadas casas comerciais, como era o caso de Giovanni Morelli, florentino, chegado a Lisboa em 1509 para trabalhar com Bartolomeo Marchionni; Giacomo de' Bardi, da famosa e rica casa comercial dos de' Bardi activa em Lisboa desde o século XIV; Luca Giraldi¹¹, mercador florentino cuja presença em Lisboa pode ser situada entre 1513 e 1515, enviado como agente da companhia florentina dos Gualterotti de Bruges e residente, nos primeiros anos, em casa de Giovanni Francesco Affaitati. O espírito empreendedor demonstrado desde logo por este jovem mercador assim como a sua devoção face à Igreja de Loreto, leva-nos a supor que possa ter sido um dos principais agentes da empresa. Entre os outros "viri mercatores" que estiveram na origem da fundação da igreja, podemos incluir sem qualquer dúvida, o cremonês Cristoforo Boccoli, feitor de Giovan Francesco Affaitati, cujo legado testamentário foi levado a cabo pelos filhos e netos, e o mercador genovês Antonio Salvago, cujos descendentes aparecem mencionados frequentemente na documentação do arquivo.

¹⁰ Archivio Nossa Senhora de Loreto (ANSL), Caixa IX, doc. 1b, tabelião Henrique Nunes (contrato lido nas casas de Giraldi na freguesia da Sé); Matos Sequeira 1939, vol. I, 300-301.

¹¹ Sobre Luca Girardi: V. Rau 1965, N. Alessandrini 2011

¹² ANSL, Caixa I, doc. 21. Sobre a história da Igreja do Loreto: Sergio Filippi 2013

¹³ Sobre a colectoria em Portugal: Giordano 2007 e Giordano 2008.

III. A primeira igreja: 1518-1651

Os mercadores italianos resolveram comprar um terreno na freguesia dos Mártires e oferecê-lo à Igreja de S. João em Latrão, "*donatione perpetua et irrevocabili*,"¹² solicitando ao papa Leone X a autorização de construir uma igreja com todos os privilégios previstos para as igrejas agregadas ao capítulo Lateranense. Tal escolha punha a confraria e a igreja, desde o início, numa condição de extraterritorialidade, dependendo apenas do Capítulo Lateranense e do Papa. No entanto, ao mesmo tempo, tendo sido construída nos terrenos pertencentes à freguesia dos Mártires, dependia, por isso, também do cabido. O contencioso jurisdicional estava, portanto, presente no acto da fundação da igreja e teria determinado o futuro da história da igreja. O contrato de compra foi, provavelmente, destruído no incêndio de 1651 juntamente com parte da igreja e dos estatutos (reformulados em 1668 e em 1679), tornando, assim, complicadas as sucessivas relações com a Mitra patriarcal de Lisboa, enquanto que se mantinha firme, durante a época moderna, a relação da confraria de Loreto com o Papa através a figura do colector apostólico.¹³

A morte do papa Leone X, ocorrida a 20 de Abril de 1518, não lhe permitiu outorgar os privilégios de própria mão, mas estes foram confirmados pelos seus sucessores, papa Clemente VII com bula de 1521 e de 1523 e papa Paulo III a 2 de Setembro de 1544. Desde o início, os documentos especificavam que a igreja

¹⁴ ANSL, Caixa 1, doc. 20; ASV, Portugallo, vol. 34, foll. 363r-364r (cópia bula de 20 de Abril de 1518), 369r-379v (cópia bula sexto calend. Decembris 1523); Archivio Segreto Vaticano (ASV) Portugallo, vol. 36, foll. 54r-55r; 57r-59v; 59v; 60r-61r (ratifica de Paolo V de 6 de Fevereiro de 1607 da confirmação do hospital, já concedido por Clemente VIII com breve de 23 Novembro de 1594); ASV, Portugallo, vol. 65, foll. 51r-52r.

¹⁵ O primitivo oratório de Santo António taumaturgo era segurado pela confraria dos indianos residentes em Lisboa chamados “os Cabras”, que, em seguida, mantiveram uma capela na igreja até que a confraria foi acolhida pela igreja da Santíssima Trindade, onde ficou até ao terramoto de 1755: ANSL, Caixa XV/Cappelle, fasc. 59, fol. 1v (1615).

¹⁶ de Castro 1763, vol. III, 322; de Matos Sequeira 1939, vol. I, 293, 294-296.

¹⁷ de Matos Sequeira 1939, vol. I, 295-296; Arquivo Nacional Torre do Tombo (DGLAB/TT) *Livro dos Emprazamentos*, fl. 49 e ANSL, Caixa XII.

¹⁸ ASV, Portugallo, vol. 36, fol. 34r: (*ibidem*) “per privilegio di poter’andare con il loro Cataletto à pigliare tutti li morti della natione Italiana di qual si voglia Parocchia, purché si paghino li diritti ordinarij à dette Parochie”; *ibidem*, fol. 36v (20 de Agosto de 1603).

¹⁹ ANSL, Caixa III/Patriarcato, fasc. 16, foll. 220v-221v.

²⁰ ASV, Portugallo, vol. 36, fol. 51 “...la rota condannò la compagnia nelle spese et nelli detti frutti et offerte calculate i(n) 482 cruciadi che sono di m(onet)a che no(n) usasse de diritto Parochiali in preiudicio de la Matrice.”

²¹ de Matos Sequeira 1939, vol. I, 297; ASV, Portugallo, vol. 36, fol. 35r-v, 36r; 51r-52v; 53r-v.

²² ASV, Portugallo, vol. 36, vol. 62v (o itálico é das autoras).

²³ O nome S. Maria do Loreto foi também adoptado pela comunidade italiana em Valladolid em

dedicada à Virgem de Loreto seria dotada de campanário, cemitério, altares e pia baptismal.¹⁴

Edificada perto ou no lugar de um antigo “nicho devoto, aluminado de azeite, aberto no velho muro Fernandino, do que o sacelo extra-murallas” dedicado a S. António da Pádua “dos Cabras”,¹⁵ mais do que no lugar duma ermida, a igreja foi aberta ao culto no dia 8 de Janeiro de 1522 sob o reinado de D. João III que permitiu à confraria utilizar a antiga muralha da cidade fora das portas de Santa Catarina.¹⁶ A 29 de Outubro de 1530 o rei renunciava a algum terreno em favor da expansão da igreja¹⁷, mostrando o consentimento régio à instituição.

Para além disso, um documento do arquivo vaticano de 1605 especifica que a igreja teria gozado dos mesmos privilégios de S. Giovanni dei Fiorentini e S. Maria Sopra Minerva em Roma e que desde a altura da sua fundação os Italianos pretendiam o direito à administração dos sacramentos e às sepulturas quer para si próprios quer para “le loro moglie, figli, servitori, schiavi et tutta la familia, standone anco di questo in possesso.”¹⁸ O direito de “fare parrocchia” para as famílias italianas na própria igreja nacional – defendido pelos Italianos desde o início com base nos privilégios pontifícios mas impugnado pelo cabido de Lisboa pelo facto de o terreno da igreja pertencer à antiga paróquia dos Mártires – (Fig. 3, em alto à direita) foi resolvido a 2 de Janeiro de 1551 com o estabelecimento de uma nova paróquia independente de que se tinham definido os limites a 24 de Janeiro de 1551,¹⁹ quando foi cancelado um débito de 482 cruzados a favor do capítulo da Sé.²⁰ Isto tudo tinha sido ratificado pelo bispo de Nicomedia a favor da Confraria de Loreto a 22 de Dezembro de 1600.²¹ Com o pleno direito paroquial, a identificação entre nação e confraria fortificou-se de tal maneira que em 1609 os oficiais desta pediram ao papa Paolo V de alargar os privilégios e indulgências a todos os Italianos residentes nos territórios portugueses: “[chiedono di] partecipare delle medesime indulgenze tutti quelli Italiani, che si trovano non solo nell’Isole, e costa di Africa della conquista del Regno di Portugallo; ma anco nell’Indie orientali, nelle quali parti vi è carestia di questi tesori spirituali... come se stessero essendo i(n) d(ett)a città di Lisbona.”²² Achamos, portanto, que o papel fundamental da confraria em garantir quer uma ligação directa com Roma, quer os privilégios à nação italiana fora da sua pátria, pode ter contribuído para a promoção do culto da Virgem do Loreto nas Américas na primeira época moderna.²³

A primeira igreja dos Italianos, foi, portanto, erigida enquanto espaço da nação e à custa dos italianos que a sustentaram com o pagamento de uma taxa correspondente a um quarto de ducado por cada 100 ducados de entradas (como referido no capítulo 24 dos antigos estatutos da confraria): “come costumano di fare tutte l’altre nationi che vi risiedono alle loro cappelle, et sepolture, come sono Alemanni, fiamminghi, francesi, et Inglesi cattolici in virtù delle loro constitutioni (...) col quale emolumento et elemosina, è stata fabricata la detta chiesa la q(ua)le è ornata co(n) soffitto dorato, et pitture à olio con altri ornamenti tali, ch’ella è la più bella Chiesa di q(ue)lla Città, e forse del Regno.”²⁴

IV. A capela-mor (1551-1658)

Apesar do pouco conhecimento que temos acerca da decoração e da forma arquitectónica da igreja primitiva, alguns importantes indícios podem ser deduzidos pelos documentos relativos ao padroado da capela-mor concedida, a 1 de Março de 1551, ao florentino Luca Girdi (1493-1565), e pelo conhecimento do litígio ocorrido entre a confraria e os herdeiros de Luca Girdi,²⁵ originado pela abertura de uma e depois de mais janelas no lado direito da igreja,²⁶ isto é, do lado da muralha. Os ecos do escândalo inflamaram a cidade de Lisboa para depois chegarem até Roma graças às negociações secretas de Monsenhor Giovan Battista Confalonieri (Roma, 1561-1648).²⁷

Secretário do colector em Portugal Fabio Biondo patriarca de Constantinopla (1593-1597), e, mais tarde, do nuncio em Madrid Camillo Caetani, (1599-1600) patriarca de Alexandria, Confalonieri é conhecido em Portugal enquanto autor *Grandezza e magnificenza della città di Lisbona* (ca. 1593-1595), uma descrição topográfica e etnográfica da cidade de Lisboa quase contextual à grande pintura de Weilburg, inspirada na obra de Giovanni Botero (1540-1617), *Della ragion di stato: libri dieci: con tre libri delle cause della grandezza e magnificenza delle città* (1589)²⁸. Apesar de este texto não conter qualquer referência à igreja do Loreto, alguns dos volumes do volumoso fundo Confalonieri do Archivio Segreto Vaticano evidenciam o seu interesse pela nação italiana e pela igreja de Nossa Senhora do Loreto: um espaço que devia conhecer muito bem considerado que foi ele que representou os interesses da confraria em Roma durante o pontificado de Paolo V.²⁹

Segundo o contrato da capela-mor fechado em 1551, Luca Girdi tinha-se comprometido a pagar 3,000 cruzados – correspondentes a 1,200,000 reis – “na fabrica e ornamento de dita caza e Igreja”, recebendo em troca a possibilidade de utilizar a capela-mor em toda a sua altura para construir um mausoléu familiar para si e seus descendentes.³⁰ O investimento de Girdi previa também um rendimento de 30 cruzados anuais para manter as funções de culto e a decoração da capela-mor, com a obrigação de a reconstruir em caso de necessidade.

Uma atenta leitura revela que Girdi se tinha também comprometido a concluir a construção das duas capelas limítrofes à capela-mor: a do Espírito Santo, no lado esquerdo olhando para o altar-mor (*in cornu Evangelii*), e a de Santa Caterina, no lado direito (*in cornu Epistolae*).³¹ Por isso, mais do que mero comitente de uma só capela nobre, Luca Girdi era, portanto, mecenas da inteira zona do presbitério, a que (como veremos) se encostavam, no lado direito, as suas casas.

A menção de três capelas com arcos maiores e abóbadas em pedras permite imaginar uma primitiva igreja com uma nave com transepto e três capelas (Matos Sequeira indica, porém, cinco capelas) com abóbadas de cruzeiro abertas sobre o transepto coberto a asnas (segundo os modelos das igrejas mendicantes), ou segundo o modelo (muito mais moderno) de igreja a nave única com arcos de berços com capelas laterais ao longo do corpo principal e três capelas grandes principais no presbitério com abóbadas em pedra, e arcos maiores como preparação de uma pos-

1601: García García 2007, 391: “fue necesario instalar allí un nuevo hospital de los italianos anejo a la iglesia de San Alesio y Nuestra Señora de Loreto, adquiriendo la casa, iglesia y jardín...”. Sobre a difusão do culto no México e o papel dos jesuítas na difusão do culto mariano: Alcalá 2011 e Alcalá 2008.

²⁴ ASV, Portugallo, vol. 36, fol. 39r-v.

²⁵ ANSL, Caixa IX, doc. 1b; ASV, Portugallo, vol. 36, foll.44r-v (escrita por G. B. Confalonieri al Papa, sem data), foll. 45r-v (minuta da mesma); 46r (10 Junho 1612); 47r-v (*Mem(ori)a sopra la cap(ell)a maggiore*). Sobre Luca Girdi: Alessandrini 2011. Veja-se também n.º 11.

²⁶ ASV, Portugallo, vol. 36, foll. 48r-v; 49r-v; 52r-v.

²⁷ Sobre Confalonieri: Foa 1982. Sobre as suas viagens: Guerra Campos 1964; Palmieri 1890; Palmieri 1892; *Per terras de Portugal* 2002.

²⁸ Testo manuscrito no ASV, Confalonieri XII, publicado em Dell’Aira 2005.

²⁹ ASV, Portugallo, vol. 34, 36 e 65.

³⁰ ANSL, Caixa IX, doc. 1b, foll. 1r e 1v: “pera isso fazer hua sepultura, com rotolos & armas da casa girda quantas e em qualquer parte de dita Capella que elle ordenasse”.

³¹ ANSL, Caixa IX, doc. 1b, fol. 4: “.. que da obra que se fazer na dita caza... a primeira será a acabarse a ditta Capella mor, e as outras duas Capellas a ella conjuntas con seus arcos e abobada de pedraria.”

³² ANSL, *Livro das Actas das Sessões da Junta*, 1.º, p. 35b. Sobre o arquitecto: de Carvalho 1964 e de Carvalho 1971.

³³ ASV, Portogallo, vol. 36, fol. 37v. Transcrição das inscrições: “Quadro/ di mezzo/ dell’altar/ maggiore; Altar/ maggiore; scale; balastra; fenestra/ della/ compagnia; fenestra/ pregiu/dittale/ del Gi/raldi/ e guarda sopra/ l’altar maggiore; stanza della Chiesa/ che possiede il Giral di [barrato e substituito da: stanza del Giral di]; fenestra/ che guarda/ il corpo della/ Chiesa, et/ che che tiene il Giral di; cornici; cornici; Casa del Giral[di]; cappella do/ S.ta Catarina; sepol/tura.”

sível cúpula. Apesar de esta hipótese se referir a um primeiro projecto datado por volta de 1550 e nunca levado a cabo, a descrição contida no contrato não exclui a atractiva possibilidade de que, pelo menos no primeiro tempo, os Italianos tivessem pensado em sinalizar a própria presença urbana com um elemento arquitectónico alheio à tradição da construção civil local, mas central no debate arquitectónico do Renascimento Italiano, em particular em Roma: a cúpula.

Actualmente a igreja apresenta uma disposição em capelas ordenadas ao longo de um alto transepto, mas é possível que isto reflecta a elaboração da igreja reconstruída após o incêndio de 1651 e possivelmente o novo desenho da capela-mor a cargo do arquitecto João Nunes Tinoco em 1664, apresentado e votado na junta de 2 de Setembro de 1668.³²

A existência de um esboço feito com pena e tinta castanha e de algumas memórias redigidas pelo próprio Confalonieri, ajudam, no entanto, a compreender a verdadeira disposição interior da igreja em 1612, isto é, sessenta anos após a primitiva concessão da capela-mor a Luca Giral di (Fig. 4).³³ Apesar de a perspectiva do desenho ser amadora e não realizada seguindo os cânones do desenho arquitectónico (de facto não combina bem o levantamento da capela-mor com o da nave lateral) é, no entanto, a única testemunha visual de como se apresentava o interior em 1612 e das causas da disputa. Cruzando todas as informações podemos afirmar que a igreja era de nave única, com presbitério (ou capela-mor) rectangular (medi-



Fig. 4 – Giovan Battista Confalonieri, esboço do interior da igreja de Nossa Senhora do Loreto, 1612 ca. (ASV, Nunziature/Portogallo, vol. 36, fol. 37v)

das 36 × 32 palmos, isto é 7,92 m × 7,04 m), abobadas de cruzeiro de pedraria, enquanto que o corpo da igreja era com abóbada de berço ou a asnas.³⁴ A igreja não era em cruz latina mas tinha capelas laterais nos lados: as duas mais próximas do presbitério –olhando para o altar – eram a capela do Santíssimo Sacramento (a primeira à esquerda) e a de Santa Caterina (a primeira à direita).

O altar-mor cuspidado estava levantado sobre um altar abalastrado, e continha três grandes pinturas *centinate*.³⁵ Na parede direita da capela-mor abriam-se duas janelas, assinaladas por Confalonieri no seu desenho: uma de propriedade da confraria (*fenestra/ della/ compagnia*), e uma de propriedade de Luca Girdali (*fenestra/ pregiu/ditiale/ del Gi/raldi/ e guarda sopra/ l'altar maggiore*). Esta janela sobre o altar-mor abria-se numa sala rectangular (esta também, segundo Confalonieri, entregue a Girdali), em parte sobreposta à capela de Santa Caterina.

Para além disso, na nave principal sobre a entrada da capela de Santa Caterina (ao nível da imposta da abóbada de berço), abria-se uma segunda janela “usurpada” à igreja pelos Girdali, que dava para a mesma sala (*fenestra/ che guarda/ il corpo della/ Chiesa*).³⁶ Desta sala “leiga” os Girdali podiam assistir à missa através de duas janelas: a que dava sobre o altar-mor, e a que estava situada acima da capela de Santa Caterina, que abria sobre a nave principal.³⁷ Por isso, deduz-se que o presbitério e a nave mor estavam alinhados, e, assim, a planta da igreja seria de uma só nave com capelas laterais e não em cruz latina.

A apropriação do espaço público (e eclesiástico) através de formas de padroado arquitectónico atribuía um forte poder no seio da comunidade. Disposições deste género, consequências de soluções adoptadas pelos mosteiros de clausura, eram comuns naquela época quer em Itália, sobretudo em Nápoles, quer na Península Ibérica. Lembramos apenas o caso coevo e paradigmático dos apartamentos privados de Felipe II e Isabel Clara Eugenia no Escorial, ou o do duque de Lerma, encostados ao lado esquerdo do presbitério da igreja de S. Paulo em Valladolid.³⁸ Girdali, tinha, portanto, bem pensado em se apropriar da zona do presbitério da igreja de Nossa Senhora do Loreto ligando-a directamente às suas casas, abrindo uma porta na muralha antiga e designando a operação como obra de misericórdia.

Depois da morte de Luca Girdali, ocorrida em 1565, a capela-mor tinha sido entregue ao cuidado do filho Francesco que, justificando contribuir para uma melhor iluminação da igreja deu a permissão, em 1575, de proceder a aberturas no muro contíguo às suas casas que se encontravam no lado externo do muro e construir uma escada de serviço dos padres.³⁹ Reforçava, assim, as suas pretensões sobre a igreja e sobre o complexo em que se inseria o seu palácio.

O problema da utilização das janelas comunicantes entre a igreja e as casas particulares, legalmente concedida no contrato a Girdali⁴⁰, esteve, portanto, na origem de uma série de problemas com os herdeiros de Luca Girdali, principalmente entre Maria Girdali (1582-1658) e a Confraria de Loreto,⁴¹ caso este que foi tratado por Confalonieri visto que o collector Biondo recusava tomar uma posição directa contra o governador.⁴²

³⁴ Existe uma contradição: por um lado, o desenho de Confalonieri indica (grosseiramente) a abóbada de berço e duas faixas que poderiam corresponder a nervaturas; por outro lado, os documentos da disputa com Sá de Meneses falam de “tetto fabricato de grossi travi”, dado, este, que faria pensar num tecto de asnas (ver nota 55). Não sabemos qual versão escolher, mas o certo é que a nave era apenas uma e era muito longa, consequência da demolição da torre de S. Catarina.

³⁵ A douradura do retábulo está atribuída a Manoel da Costa em data de 1628: ANSL, Caixa B/Conti, fasc. 27 (Conti 1627-1633), p. 20r-v.

³⁶ Janela não mencionada nem autorizada pelo contrato de 1551: “che responde, et mira tutto il corpo della chiesa” (ASV, Portogallo, vol. 36, fol. 49r)

³⁷ ASV, Portogallo, vol. 36, fol. 44r-v “...1551 li officiali di quel tempo per instrumento publico concessero à Luca Girdali et suoi successori la Cappella maggiore di detta Chiesa, per tre mila cruciadi, che sono scudi di moneta, li quali egli pagò per aiuto della fabrica di quella Chiesa, che al'hora non era finita. Di più gli concessero una stanza posta sopra la Cappella [apagado:maggiore] di S.ta Catarina, ch'è collaterale all'Altar maggiore, e nella quale stanza vi sono due finestre, una che guarda sopra detto Altar maggiore, et l'altra verso la nave della Chiesa; acciò egli et suoi successori vi potessero udire li officij divini, essendo la casa del Girdali contigua à d(ett)a Chiesa, et solo le mura della Città vi sono di mezzo nelle quali v'hà fatto una porta, che passa in detta stanza, onde per questo si obligò di dare ogni anno oltre allí tre mila scudi, dodici mila reis, che sono trenta altri scudi di moneta di entrata perpetua per una messa quotidiana pp[er] l'anima sua et per chi si pentisce, ò cercasse in qual si voglia modo di annullare questo contratto fù posta pena di tre mila scudi d'oro, con rifar le spese et danni...” (o itálico é das autoras).

³⁸ Banner 2009.

³⁹ ANSL, Caixa II, cit. in de Matos Sequeira 1939, vol. I, 304 e ANSL, Caixa I/Sã e Menezes, fasc. 4, foll. 9-15.

⁴⁰ ANSL, Caixa IX, doc. 1b, fol. 1v: “se poderem lograr a proveitar da dita casa como sua propria, e della pella dita janela poderem ver e ouir los officios divinos... janela de hua caza que esta a sobre a abobada de outra capella que esta a da banda do levante junto da dita Capella mor e parte co[n] muro da Cidade”.

⁴¹ Maria Giraldi (Affaitati) -neta de Luca - tinha casado com Francisco de Sá e Meneses, governador do reino de Portugal, de quem teve o filho Sebastião. O litígio entre a confraria e Sebastião ocorreu depois do incêndio de 1651 quando este não quis reconstruir a capela-mor. A confraria retirou a posse da capela-mor aos Giraldi e a 29 de Abril de 1658 recusou a Maria Giraldi o direito de ser sepultada na mesma. (ANSL, Caixa IX, doc. 4)

⁴² ASV, Portogallo, vol. 36, 46r, 49v. Confalonieri e Biondo sugeriam em Roma que intervisse, em favor da igreja do Loreto o bispo de Coimbra mandando fechar as janelas e tirando o padroado da capela mor que naquele tempo estava a ser avaliado acerca de 12,000 ducati. A justificação era que os Giraldi não tinham acabado de decorar a capela e não tinham pago, durante mais de 52 anos, a entrada estabelecida de 30 reis anuais. Confalonieri propunha, assim, que Paolo V actuasse da mesma maneira como tinha feito em Roma contra os Colonna, que, também, tinham aberto janelas na basílica dos SS. Apóstolos: “et io so che S.S.ta fece serrare le fenestre de Collonnesi in S.to Ap[osto]lo et quanto più farà queste de particolari.” (*ibidem*, fol. 49v).

⁴³ ASV, Portogallo, vol. 36, fol. 44v: “...detta Cappella maggiore, la quale resta ancora con i muri bianchi, have(n)do il corpo della Chiesa il soffitto dorato co(n) 40 quadri di pitture à olio, et farsi altretanta co(n) cornici dorate à torno la med(esim)a Chiesa sotto il melesimo soffitto: nè la Comp(agni)a pone mano à d(ett)a cappella non parendogli conveniente che li Giraldi habbino la Cappella, et che la Compagnia l’habbia da ornare et mantenere et tra ta(n)to scomparisce assai la bellezza per ornato di detta Chiesa...” e *ibidem*, fol. 49r-v: “...Facendosi hora certe Cornice de quadri à torno alla Chiesa per accompagna-

Segundo a documentação vaticana, mais do que a serventia legalmente instituída no contrato, o que a confraria contestava aos Giraldi era a falta de decoração, consequência, por um lado, do acesso à sala “laica” (de onde partiam continuamente impropérios e injúrias ao celebrante) e, por outro, a falha nos acordos originais visto que o mausoléu nunca tinha sido construído. Segundo Confalonieri, a situação tinha-se tornado paradoxal porquanto em 1612 a igreja, resultava, de facto, completamente decorada com excepção precisamente do presbitério que se encontrava tão só pintado de branco devido à falta de promoção artística dos Luca Giraldi. Para além do mais os descendentes de Luca dedicavam-se a “estragar” e desmontar as decorações em estuque da nave principal pagas pela Confraria.

Os documentos do Archivio Vaticano apresentam, portanto uma imagem da igreja desta altura com uma só nave, quase inteiramente decorada, com o tecto provavelmente com arcos de berço e decorado em talha dourada, com um ciclo de quarenta *Cenas da Vida da Virgem* e decorações nas paredes em estuque que corriam à volta da imposta da abóbada ao longo da cornija.⁴³ A parte baixa das paredes estava, pelo contrário, decorada com azulejos portugueses e de Talavera, segundo nos informou padre João Chaves, incansável pesquisador do arquivo do Loreto.⁴⁴

Enquanto que no Vaticano Confalonieri defendia a causa da nação italiana, esta, em Lisboa, podia contar com o favor de Monsenhor Ottavio Accoramboni (1549-1625), bispo de Fossombrone e Colector apostólico com poder de Núncio de 1614 até 1621. Este, tendo percebido a pouca devoção que se tinha em Portugal para com S. Carlo Borromeo e Santa Francesca Romana, decidiu erigir, no primeiro ano do seu mandato e à sua custa, na igreja do Loreto “Chiesa delle belle, & delle più frequentate di Lisbona”, uma sumptuosa capela dedicada aos dois santos. Em 1616 organizou uma soleníssima procissão em honra dos ditos santos da qual redigiu uma detalhada descrição dedicada ao cardeal Borghese.⁴⁵ Em consequência da procissão, a devoção para com os dois santos aumentou consideravelmente e, tendo tido conhecimento de tanta devoção para com S. Carlo, o cardeal Borromeo resolveu enviar como oferta à confraria de Loreto a casula com que o santo celebrava a missa. Para conservar esta preciosidade e para que fosse vista pelo público, Accoramboni a mandou colocar num local perto da capela de S. Carlo que se alcançava através de uma escada em pedra em muito bom estado.⁴⁶

Nas primeiras décadas do século XVII, como o próprio Accoramboni afirmava, “non fu mai la natione Italiana in questo Regno si povera di gente, & facoltà, come è di presente”⁴⁷, no entanto, não faltavam fundos para o sustento da igreja. A capela de Santa Caterina, após ter estado na posse do mercador florentino Giulio Nessi e da sua mulher Esperança de Casenes,⁴⁸ foi comprada pela confraria a 20 de Abril de 1618 e logo vendida ao mercador veneziano Francesco della Corona pela quantia de 300.000 reis a 6 de Julho de 1620.⁴⁹

Embora a nação italiana não estivesse particularmente rica, a famosa igreja estava, no entanto, num momento de bastante brilho: o desastroso incêndio que nem uma

hora durou na manhã de 29 de Março de 1651 queimou tudo; a partir de 16 de Abril foi preciso iniciar a pensar na reconstrução.⁵⁰

V. Conclusão: identidade “nacional, regional, universal”?

A atribuição da igreja tardo quinhentista a Filippo Terzi (1520-1597), em Itália arquitecto de Guidobaldo II della Rovere e engenheiro pontifício que se transferiu em Portugal em 1577 onde permaneceu até a sua morte ao serviço de Felipe II de Habsburgo (Felipe I de Portugal), foi frequentemente sugerida pela crítica faltando outros nomes de relevo que pudessem ser ligados à edificação.⁵¹ Por um lado, torna-se evidente que a descrição da igreja, de uma alta nave com arcos de berço, com capelas laterais e presbitério rectangular, corresponde ao carácter funcional da arquitectura militar praticada por Terzi. Por outro lado, apesar de serem poucos, os dados documentais a favor de uma intervenção de Terzi na construção da igreja na última década de Quinhentos são convincentes.

A primeira prova consiste na sua presença em qualidade de perito da Câmara de Lisboa aquando da demolição da torre norte da Porta de Santa Catarina, como já tivemos ocasião de mencionar, impondo D. Sebastião à confraria a obrigação de elevar o telhado de modo a garantir a defesa da cidade.⁵² A 29 de Janeiro de 1577 foi redigido o contrato em casa do mercador genovês Stefano Lercaro,⁵³ mas antes da demolição foi convocada uma vistoria a 24 de Abril de 1577 para decidir as modalidades das obras. O documento menciona, nesta ocasião, a presença dos arquitectos “mice felipe terzo (...), Benito de morales (...), João dolva (...) dom Irº [Girolamo] de Meneses” na qualidade de peritos.⁵⁴ Finalmente, os estudos eruditos do Padre Sergio Filippi sufragam a familiaridade de Terzi com a comunidade italiana e a igreja do Loreto (de que foi Provedor nos anos 1589-1590; 1591-1592 e 1594-1595), com dois importantes documentos: a descrição do incêndio de 1651 de Francesco André Carrega,⁵⁵ e o testemunho de Sebastião de Sã e Meneses na disputa para a reconstrução da capela-mor em 1657.⁵⁶

No ocaso do século XVI, a igreja da Confraria e de Filippo Terzi correspondia, no seu conjunto, às suas funções defensivas e, simultaneamente, concretizava as ambições de representação dos proprietários na decoração do interior: um rico equipamento de pinturas (Tiziano e outros, segundo as guias da altura), e um ciclo de quarenta óleos sobre tela dedicados à Virgem padroeira da Igreja (a festa da igreja era a 8 de Setembro, dia do nascimento da Virgem). A forma arquitectónica com uma só nave e capelas laterais (quicá outrora em cruz latina com cúpula: o primeiro modelo jesuíta que Terzi utiliza em S. Vicente de Fora) servia bem os cânones da contra-reforma.

re il soffitto che è tutto messo à oro con quadri a oglio della vita della Mado(n)na, con una di dette cornice si venne à turare mezza fenestra, di quella, che guarda il corpo della chiesa et della quale non se ne tratta nel contratto, ne la compagnia gli l'hà concessa; et con tutto questo la herede del Giralidi, ò quelli, che fanno per lei la mandorono a fracassare, e smurare de facto, et de potentia senza niuna sorte di ragione.”

⁴⁴ ANSL, *Livro Mestre da Receita e Despesa*, 1.º, fol. 5v “Per il costo e spese de 21U854 [21.854] azuliggi di talavera e altri azuliggi fatti qui p orna-to della chiesa... 820\$300.” Agradecemos os pa-dres Sergio Filippi e João Chaves para nos terem proporcionado muitos dados que nos facilitaram esta pesquisa. Segundo os ditos padres o tecto ti-nha, em 1599, 22 quadros para os quais a confraria se tinha empenhado a pagar notáveis quanti-dades de dinheiro entre 1593 e 1599: ANSL, *Livro Mestre da Receita e Despesa*, 1.º, fol. 5v-6r.

⁴⁵ *Relatione* 1616.

⁴⁶ ANSL, caixa XV, doc. 13.

⁴⁷ *Relatione* 1616, cit.

⁴⁸ ANSL, Caixa IX/Testamenti, doc. 4 e Livro Mestre da Receita e Despesa, 1.º, fol. 8b; Ma-tos Sequeira.1939, vol. I, 299.

⁴⁹ ANSL, Caixa IX/Testamenti, doc. 4, fol. 2.

²⁰ Matos Sequeira 1939, 227-229. A percenta-gem foi aumentada até ½ % e a paróquia foi temporariamente transferida na igreja de Nossa Senhora do Alecrim.

⁵¹ Sobre o engenheiro Filippo Terzi em Portugal: Battelli 1929; Battelli 1935; Coelho Henrique 1935; Dos Santos 1951; Bresciani Alvarez 1965. Veja-se também um caderno a ele atribuído de 16 folhas (desenhos e texto em italiano) na Bi-blioteca Nacional de Lisboa: Cód. BN 12956, *Estudos sobre embadometria, esterometria e as ordens de architectura.*, sobre o qual Lanzari-ni 2000 (que o atribui a Frai Giovan Vincenzo Casali).



Fig. 5 – Basílica de S. Maria di Loreto, vista externa (estado actual), Loreto

⁵² Matos Sequeira 1939, vol. I, 302-303: “serão obrigados a êtulhar a dita igreja atee a altura q(ue) for neçesaryo, pera que fique por fortaleza em lugar da dita tôrre...”.

⁵³ ANSL, Caixa III, doc. 12 e Matos Sequeira 1939, vol. I, 303.

⁵⁴ Freire de Oliveira 1882, vol. V, p. 349; de Matos Sequeira 1939, vol. I, 303-304 e vol. II, 225-226.

⁵⁵ “...e finalmente il tetto fabricato de grossi travi da famoso Architetto Filippo da Trezo (ANSL, Caixa V/Statuti, fasc. 12B, p. 1).

⁵⁶ “...Não estava com toda a perfeição e arquitectura obrada por Felipe 3.º antes de a queimarem” (ANSL, Caixa I/Sã Menezes, fasc. 4, p. 8).

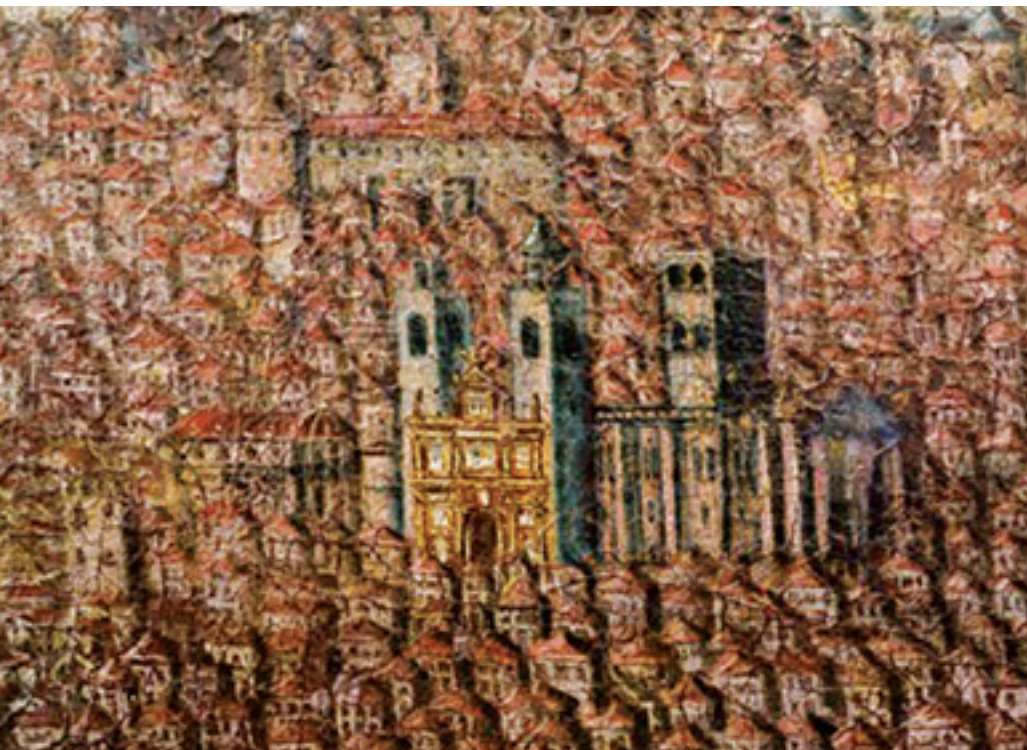
⁵⁷ Sobre Fontana e a adaptação do seu estilo arquitectónico para encomendas espanholas nos últimos anos napoletanos: de Cavi 2009.

⁵⁸ Sobre o papel do colector enquanto protector da igreja: ASV, Portugallo, vol. 36, fols. 102r-103v.

Definitivamente parece, portanto, que a confraria e o arquitecto preferiram uniformizar-se ao modelo universal da contra reforma, mais do que projectar sobre o edifício referências regionais da arquitectura coeva genovesa, florentina, lombarda. É verdade que a consciência de uma identidade arquitectónica local é mais um sentido historicista moderno do que um cânone de valor para a arquitectura tardo maneirista ou protobarroca, que, pelo contrário, centrava-se na internacionalização do culto, no sólido restabelecimento do legado paleocristão e na construção em função da predicação.

Da mesma maneira não surpreende que não se encontre qualquer tipo de referência (em planta ou decoração arquitectónica) à igreja mãe, isto é ao complexo da basílica do Loreto que tinha acabado de ser concebida em Itália pelo engenheiro Domenico Fontana (1540-1607) (Fig. 5).⁵⁷ De facto, mesmo quando Terzi partia para Portugal (1577-1597), outros arquitectos da região italiana das Marcas (Francesco Boccacini, Giovan Battista Chioldi e Lattanzio Ventura), iniciavam a construção da fachada de S. Maria de Loreto para Sisto V Peretti (1585-1590), entre 1571 e 1587. Não tendo um directo modelo arquitectónico de referência, visto que ainda estava “em construção”, Terzi teve que se adaptar com o que encontrasse *in situ*: o discutido “estilo chão” (o “portuguese plain style”, segundo Kubler), e as necessidades da Confraria.

A nação italiana escolhia, portanto, no fim do século, um conhecido arquitecto e engenheiro italiano para assinalar a própria identidade nacional, reiterada com uma política diplomática exercida pelos colectores apostólicos enquanto seus protectores oficiais.⁵⁸ Come demonstra um outro detalhe do citado quadro de Weilburg, a mesma relação directa com Roma anunciava-se, pouco depois em 1622, através



da iconografia do arco efêmero dos italianos que parece ter sido montado sobre a inteira fachada da Sé, na zona onde se concentravam os bens de raiz dos italianos (fig. 5) e descrito por João Baptista Lavanha na crônica oficial da entrada em Lisboa de Filipe III em 1619 (fig. 7).⁵⁹ A nação italiana ocupava, entre todas, um lugar verdadeiramente privilegiado.⁶⁰

A decoração do arco, sobre a qual não nos debruçaremos agora, anunciava claramente a relação privilegiada da nação com Roma e com o Vaticano, sendo decorado com as estátuas de Giano, Enea, Cesare e Ottaviano e o arco coroado com as chaves de S. Pedro. A nação italiana fazia referência, portanto, nos seus actos públicos, às origens romanas comuns e ao Papa enquanto base de identidade nacional, decidindo oferecer uma compacta visão da minoria étnica em lugar de combinar iconografias locais e municipais das diferentes regiões de origem. ●



Fig. 6 – *Joyeuse Entrée do Rei Filipe III (Filipe II de Portugal) em Lisboa* (detalhe que apresenta a Sé de Lisboa), Weilburg Castle (Frankfurt) © Andreas Gelhert

Fig. 7 – João Baptista Lavanha, *Viage de la Catolica Real Magestad del Rei D. Filipe III. N. S. Al Reino de Portugal Relación del solene recebimiento que en el se el hizo Sv magestad la mando escribir*, (s. I.) 1622, fol. 32

⁵⁹ Viage 1622; Kubler 1972. Acquaforre mm. 307 x 200 a fol. 32r; texto a foll. 32v-33v (descrição do arco) e 34r-36v (descrição da catedral) 32r. Para uma crítica completa ao texto de Lavanha, suas fontes, versões paralelas e bibliografia, veja-se o artigo de Andreas Gelhert neste volume.

⁶⁰ Lembramos por utilidade os títulos dos arcos triunfais que especificam apenas quatro nações: a inglesa, a italiana, a flamenga e a alemã: *ibidem*, arcos dos homens de negocios (fol. 15v sgg); dos Ingleses (fol. 33r sgg); dos oficiais da bandeira de S. Jorge (fol. 36v sgg.); dos Reis

de Portugal (fol. 28v sgg.); guarnicioneros (fol. 29v); tanoeiros (idem); oleiros (fol. 29v sgg.); sapateros (fol. 30v, sim foto); cereiros (fol. 31r-v); Italianos (fig. Fol. 32r, texto fols. 32v-33); pintores (fol. 36r, texto 36v); Flamengos (fol. 37r, texto ff.38r-47r); orífices e lapidários (fig fol. 47v, texto ff. 48r-49r); monedeiros (fol. 49r, texto ff. 50r-v); alfaiates (fol. 51r, texto 51v-52v); familiares do Santo Ofício (fol. 52v, texto ff. 53r-54r); Alemães (fol. 54v, texto ff. 55r-62r).

Bibliografia

ALBINI, Giuliana 1980-1981. Para uma história dos italianos em Portugal: o arquivo de Nossa Senhora do Loreto. *Estudos italianos em Portugal*, 43-44, Lisboa, Instituto Italiano de Cultura em Portugal.

ALESSANDRINI, Nunziatella 2007. A alma italiana no coração de Lisboa: a igreja de Nossa Senhora do Loreto. *Estudos Italianos em Portugal*, n. s., n. 2, 163-184.

ALESSANDRINI, Nunziatella. 2009. *Os italianos na Lisboa de 1500 a 1680: das hegemonias florentinas às genovesas*, Lisboa, tese de doutoramento apresentada à Universidade Aberta, 2 vols., 2009.

ALESSANDRINI 2011: Alessandrini, Nunziatella. 2011. Contributo alla storia della famiglia Giraldi, mercanti banchieri fiorentini alla corte di Lisbona nel XVI secolo. *Storia Economica*, ESI, Napoli, n. 3, 377-407.

ALESSANDRINI 2013: Alessandrini, Nunziatella. 2013. Vida, história e negócios dos mercadores italianos no Portugal dos Filipes. in Pedro Cardim et al., *Portugal na Monarquia Hispânica. Dinâmicas de integração e conflito*, Lisboa, Cham, 107-134.

ALCALÁ, Luisa Elena. 2007. Loreto y Guadalupe: la compleja construcción del pantheón mariano novohispano. *História, nación y región*, a c. di Verónica Oikión Solano, Zamora, El Colegio de Michoacan, 281-314.

ALCALÁ, Luisa Elena. 2008. Blanqueando la Loreto mexicana: prejuicios sociales y condicionantes materiales en la representación de vírgenes negras. In *La imagen religiosa en la Monarquía Hispánica. Usos y espacios.*, a c. di María Cruz de Carlos, Pierre Civil, Felipe Pereda e Cecile Vincent-Cassy, Madrid, Casa de Velázquez, 171-193.

ALCALÁ, Luisa Elena. 2011. La problemática de las copias de vírgenes negras: la recepción de Loreto en Nueva España. In *La Imagen sagrada y sacralizada, XXVIII coloquio internacional de historia del arte*, a c. di Peter Krieger, Universidad Nacional Autónoma de México, Instituto de Investigaciones Estéticas, México, vol. I, 99-118.

LA monarquía 2004: *La monarquía de las naciones: patria, nación y naturaleza en la Monarquía de España, en conmemoración del IV centenario de la muerte de Carlos de Amberes 1604*, a c. di Antonio Álvarez-Ossorio Alvario e Bernardo García García, Madrid, Fundación Carlos de Amberes, 2004.

BANNER, Lisa. 2009. *The Religious Patronage of the Duke of Lerma, 1598-1621*. Farnham, England, Burlington, Vt., Ashgate.

BATTELLI, Guido. 1929. *Filippo Terzi: architetto ed ingegnere italiano in portogallo*, Coimbra, Coimbra Ed.

BATTELLI, Guido. 1935. *Filippo Terzi, architetto militare in Portogallo (1577-1597)*, Roma, Istituto di Cultura del Genio Militare.

BRESCIANI Alvarez, Giulio. 1965. Un archittto pesarese in Portogallo: Filippo Terzi (1520-1597), in *Atti dell'XI Congresso di Storia dell'Architettura*, Roma, 1965, 355-374.

CARVALHO da Costa 1712: Antônio Carvalho da Costa, *Corografia Portuguesa e descripçam topográfica do famoso Reyno de Portugal*, Oficina Real Deslandesiana, Lisboa, 1712.

COELHO Henrique, Trindade. 1935. Filippo Terzi: archittto e ingegnere militare in Portogallo (1577-1597); documenti inediti dell'Archivio di Stato di Firenze e della Biblioteca Oliveriana di Pesaro, Documentos para o estudo das relações culturais entre Portugal e Italia, Firenze, Alfani & Venturi, Firenze.

CONTESTACIÓN 1871: *Contestación á la noticia razonada y acompañada de documentos acerca de la iglesia y hospital de Italianos de Madrid, publicada en esta corte*, Madrid, 1871.

CARVALHO, Ayres de. 1964. Novas revelações para a historia do Barroco em Portugal, in *Belas Artes*, 2 s., n. 20, 13-81.

CARVALHO, Ayres de. 1971. *As obras de Santa Engrácia e os seus artistas*, Lisboa, Academia Nacional de Belas-Artes.

CARVALHO, Ayres de. 1979. *Os três arquitectos da Ajuda: do "Rocaille" ao neoclássico; Manuel Caetano de Sousa (1742-1802), José da Costa e Silva (1747-1819), Francisco Xavier Fabri (1761-1817)*, Lisboa, Academia Nacional de Belas-Artes.

CASTRO, João Baptista de. 1762-1763. *Mappa de Portugal, antigo e moderno*, Lisboa, Na Officina Patriarcal de Francisco Luiz Ameno.

CAVI, Sabina de. 2009. *Architecture and Royal Presence: Domenico and Giulio Cesare Fontana in Spanish Naples (1592-1627)*, Cambridge Scholars Press, Newcastle-upon-Tyne.

CRESPO Solana, Ana. 2003. *Los extranjeros en la España moderna*. Actas del I coloquio internacional (Malaga, 2002), Malaga.

CRESPO Solana, Ana, 2010. *Comunidades transnacionales: colonias de mercaderes extranjeros en el mundo atlántico (1500-1830)*, Aranjuez-Madrid, Doce Calles.

DELL'AIRA 2005: Dell'Aira, Alessandro. 2005. *Grandezza e magnificenza della citta' di Lisbona*, a cura di Alessandro Dell'Aira, Rovereto (TN), Nicolodi.

DOS SANTOS, Reynaldo. 1951. A vinda de Filipe Tércio para Portugal, in *Belas Artes*, s. 2, n. 3, 43-44.

FREIRE de Oliveira, Eduardo. 1882. *Elementos para a História do Municipio de Lisboa*, Lisboa, Typographia Universal.

FOA. 1982. Confalonieri Giovanni Battista, in *Dizionario Biografico degli Italiani*, XXVII, Roma, 778-782.

GARCÍA García, Bernardo. 2007. *La nación Flamenca en la corte española y el Real Hospital de San Andrés ante la crisis sucesoria (1606-1706)*, in *La Pérdida de Europa: La guerra de Sucesión por la Monarquía de España*, eds. A. Álvarez Ossorio, B. Garcia Garcia y Virginia León, Aranjuez-Madrid, Doce Calles, 379-441.

GEHLERT, Andreas. 2008. Uma esplêndida vista de Lisboa no Castelo de Weilburg, Alemanha, in *Lisboa: Monumentos (Revista semestral do património construído e da reabilitação)*, n. 28, 208-213.

GIORDANO, Silvano. 2007. Leone XI e la collettoria di Portogallo: l'istruzione a Francesco Simonetta, in *Quellen und Forschungen aus Italienischen Archiven und Bibliotheken*, n. 87, 224-247.

GIORDANO, Silvano. 2008. Difendere la giurisdittione et immunità ecclesiastica fino all'estremo: la collettoria di Portogallo, in *Die Außenbeziehungen der römischen Kurie unter Paul V. Borghese (1605-1621)*, ed. Alexander Koller, Tübingen, Max Niemeyer Verlag, 191-222.

GUERRA Campos, J. 1964. Viaje de Lisboa a Santiago en 1594 por Juan Bautista Confalonieri, in *Cuadernos de Estudos Galegos*, n. 19, 185-250.

KUBLER, George. 1972. *Portuguese plain architecture: Between Spices and Diamonds, 1521-1706*, Middletown/Connecticut, Wesleyan University Press.

LANZARINI, Orietta. 1998/1999 [2000]. Il codice cinquecentesco di Giovanni Vincenzo Casale e i suoi autori, in *Annali di Architettura*, n. 10/11, 183-202.

LAS corporaciones de nación en la Monarquía Hispánica (1580-1750). Identidad patronazgo y redes de sociabilidad, atti del XII Seminario Internacional de Historia, a c. di Bernardo García García (Madrid, 28-30 Novembre 2011), Madrid, Fundación Carlos de Amberes.

LAVANHA, João Baptista. 1622. *Viage de la Catolica Real Magestad del Rei D. Filipe III. N. S. Al Reino de Portugal Relación del solene recebimiento que en el se el hizo Sv magestad la mando escribir*, s/l.

MORSELLI, Raffaella. 1995. “Dezenhos, pinturas, estampes, camafeos, moldes et livros”: la collezione dell’architetto portoghese José da Costa e Silva (1747-1819), in *Disegni italiani della Biblioteca Nazionale di Rio de Janeiro: la collezione Costa e Silva*, a c. di Anna Maria Ambrosini Massari e Raffaella Morselli, Cinisello Balsamo, Silvana Editoriale, 21-43.

PALMIERI, G. 1890. *Viaggio di Giambattista Confalonieri da Roma a Madrid nel 1592*, in *Spicilegio vaticano di documenti inediti e rari estratti dagli Archivi e dalla Biblioteca della Sede Apostolica per cura di alcuni degli addetti ai medesimi*, vol. I, a c. Di G. Palmieri e I. Carini, Roma, E. Loescher & C., 169-239 e 441-490.

PALMIERI, G. 1892. Viaggio di Giambattista Confalonieri nel 1616 da Roma a Napoli, in *“Il Muratori”*, n. 1, 39; 89-92; 127-136; 235-240.

PER terras de Portugal. 2002: Per terras de Portugal no século XVI: Bartolomé de Villalba y Estaña, Gianbattista Confalonieri, Lisboa, Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses.

EL Patronato 1873: El Patronato de la Iglesia-Hospital de Italianos, reivindicado por el Gobierno Español a favor de la Colonia Italiana de Madrid. Documentos, hechos y argumentos contra la anterior administración, compuesta de sacerdotes españoles que ocupaban el establecimiento italiano, Madrid.

QUIETO, Pier Paolo, 1997. Settecento romano a Lisbona: le opere di Pietro Labruzzi, Carlo Giuseppe Ratti, Camillo Sagrestani fiorentino per la chiesa di Nossa Senhora do Loreto a Lisbona ed un cenno per Batoni all’Estrela, in *Il tempio del vero gusto: la pittura del Settecento romano e la sua diffusione a Venezia e a Napoli, atti del convegno* (Salerno-Ravello 26-27 giugno 1997), a c. di Enzo Borsellino e Vittorio Casale, Roma, 2001, pp. 81-90.

RAMÓN Fort, Carlos. 1851. *Concordato de 1851*, Madrid, Imprenta y Fundación de Don Eusebio Aguado.

RELATIONE 1616: *Relatione succinta della solenne, et nobilissima processione fatta in Portugallo da Mons. Vescovo Accoromboni Collettore, l’Anno 1616 alli 27 di Giugno*. Com todas as lições necessarias, Em Lisboa Por Pedro Crasbeeck.

SILVA, Raquel Henriques. 2004. Arquitectura religiosa pombalina, in *Monumentos, Revista Semestral de Edifícios e Monumentos*, n. 21, 112.